

fonte: Jornal do Campus USP class.: 41
 data: 4/10/94 N: 100 pg.: 8

sampa

Índio guarani contesta Jaguaribe

Estudante de filosofia Jekupé ataca a culturalização proposta por sociólogo

“A gente também quer se desenvolver, mas não da forma que o Jaguaribe quer”. A opinião é do índio Olívio Jekupé, estudante do 3º ano de filosofia da USP, sobre a frase do sociólogo Hélio Jaguaribe: “não deverá mais haver índios no século XXI”.

Jaguaribe proferiu a frase numa palestra para militares, em agosto. A declaração criou polêmica instantânea. Ganhou destaque de primeira página nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, e foi combatida por artigos de Darci Ribeiro e Marcos Terena. Pelos militares, foi aplaudida. A idéia de manter os índios isolados em sua cultura seria, segundo o sociólogo, “cruel”. Olívio Jekupé acha que “a loucura do Jaguaribe é querer que o índio deixe de ser índio por causa do desenvolvimento”. Ele prossegue: “Aqui no Brasil a gente tem um capitalismo selvagem, se for como o Jaguaribe quer os índios vão virar tudo favelado, como os pankararu que vivem na fa-

vela do Morumbi”.

Para mostrar como os índios podem se desenvolver sem perder sua identidade, Jekupé faz uma analogia com os judeus: onde eles estão, conseguem viver com sua tradição, sua cultura”. O próprio Jekupé parece ser a encarnação dessa tese. Fumando no pitengua -ou “pitando”, como diz-, que é um costume de seu povo guarani, ele conta como se interessou por filosofia. Diz ter se encantado com o título de um livro que viu numa biblioteca em Cornélio Procópio (Paraná), onde nasceu: **Filosofia- Amigo da Sabedoria**. Ele tinha então 15 anos. Interessado pelo assunto, leu **História da Filosofia**.

Filosofia na USP

Jekupé entrou na escola aos oito anos. Depois, veio a se tornar o primeiro mestiço guarani a cursar uma faculdade na USP. “O contato com o branco é inevitável”, diz. “Já que está em contato, tem que aproveitar.”

Ele encara seu estudo como uma

forma de subsistência- não para si, mas para seu povo. “O índio fazendo faculdade, quando termina, não é pra ficar no sistema, é pra ajudar os índios”.

Jekupé acha que, ao contrário do “branco”, o índio consegue viver com culturas diferentes: “o índio respeita, gosta de coisas da cultura do branco, mas a parte do índio o branco não valoriza”. Por outro lado, critica os que acham que os índios não podem mudar. “Meu maior sonho era ter uma moto”, conta, “e só porque eu ando de moto eu vou deixar de ser índio?” E diz mais: “Tem gente que fala que não pode ter telefone na aldeia, que não pode ter carro, tem que

Jekupé defende Paiakan

Olívio Jekupé comentou também o caso do cacique Paiakan, dos caiapó, que foi acusado de ter estuprado uma “branca”.

“Foi uma cilada que prepararam para destruir o Paiakan. Não queriam ele na ECO-92, porque ele ia se consolidar como o maior líder indígena americano. Foi uma coincidência danada acontecer uma semana antes da ECO”.

“O que o índio queria é que fosse punido, antes do Paiakan, quem estuprou

as índias. No Brasil é comum uma pessoa dizer que é descendente de índio, que a bisavó foi catada a laço. Isso não é estupro? E ninguém foi punido”.

“O sexo na cabeça do índio não é pecado. E a índia caiapó é muito brava. Quando a mulher do Paiakan viu ele transando com a branca, foi pra cima dela, e deve ter machucado mesmo. Mas isso não quer dizer que eles estupraram ela”.

Danilo Monteiro

andar a pé, mas às vezes é uma necessidade”. Complementa: “outro dia soube de um caso de um índio que se machucou na mata, se não tivesse telefone pra chamar ambulância ele ia ficar sangrando dias ali”.

Danilo Monteiro